

## Rui dos Santos Anselmo (1921-2010)

António José de Barros Veloso

**M**aio de 1983. Várias dezenas de médicos participavam nas jornadas de Medicina Interna dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Meses antes, alguém deixara no ar uma pergunta: “Será que nunca existiu uma Sociedade Portuguesa de Medicina Interna capaz de agregar os internistas que todos os anos terminam a sua especialidade nos hospitais centrais e distritais?” Naquele fim de tarde, a resposta iria ser dada, de forma peremptória, por quatro participantes na reunião, os quais juravam a pés juntos serem sócios de pleno direito dessa Sociedade que, diziam eles, tinha sido fundada nos anos 50. Apenas achavam estranho que há muito tempo ninguém lhes aparecesse a cobrar as quotas.

Mas, sendo assim, onde é que estava instalada a sede? Onde estavam as actas? Que é que acontecera ao Presidente e aos membros da Direcção? Foi nessa altura que alguém deu uma informação inesperada: “Quem sabe isso tudo é o Senhor Anselmo”.

A revelação deixou a vasta assistência de boca aberta e fez surgir a pergunta inevitável: “Mas ... quem é o Senhor Anselmo?”

Rui dos Santos Anselmo nasceu em Lisboa, na freguesia dos Anjos, a 3 de Outubro de 1921. O seu pai era um conhecido jornalista que possuía um gabinete de imprensa no Hospital de São José, de onde mandava para os jornais informações sobre o meio médico, sobre a sinistralidade do Banco e sobre tudo o mais que pudesse ser notícia. Talvez tenha sido por isso que Rui Anselmo se ligou desde muito cedo aos Hospitais Civis de Lisboa para onde entrou em 1942, por concurso público, como 1º escriturário.

Sempre classificado em primeiro lugar ao longo da sua carreira, desempenhou funções de chefia, integrou, por nomeação oficial, várias comissões e grupos de trabalho e, entre 1947 e 1950, ocupou o lugar de secretário do então Enfermeiro-Mór, Emílio Faro.

Em 1957 foi-lhe concedida a medalha de prata de “comportamento exemplar” e, posteriormente, recebeu vários louvores, pelo interesse demonstrado no exercício da sua actividade.

A curiosidade que sempre revelou pelos assuntos



2001 – Homenagem da SPMI. Na foto o Ministro da Saúde, Correia de Campos e o Presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, Soares de Sousa.

ligados à medicina e aos hospitais, assim como as amizades que foi criando no meio médico, aproximaram-no de diversas sociedades científicas, tendo secretariado sucessivamente a Sociedade Portuguesa de Cardiologia, a Sociedade Portuguesa de Endocrinologia e a Associação Portuguesa de *Pacing* Cardíaco.

Foram também estas razões, associadas ao gosto pela escrita, que o levaram a ligar-se a diversas publicações médicas como o jornal “O Médico” e o “Boletim Clínico dos Hospitais Civis de Lisboa”. A colaboração voluntária prestada a este último, como secretário da redacção, valeu-lhe em 1995, já depois de aposentado, a atribuição de mais um louvor “pelo espírito de empenhada colaboração, competência e zelo que sempre demonstrou ao longo da sua longa carreira”.

Resumidas assim as etapas essenciais do currículo do Senhor Anselmo, chegou a altura de voltar atrás e retomar a história da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna onde a tínhamos deixado, ou seja, naquela tarde de Maio de 1983 em que todos pareciam

estar de acordo quanto à necessidade imperiosa da sua reanimação urgente.

Convocada uma Assembleia Geral *ad hoc* para admitir como sócios todos os internistas presentes que tivessem as “condições mínimas” de carreira, foram propostos e votados os nomes dos Corpos Gerentes e decidiu-se contactar de imediato o Senhor Anselmo.

De facto, era ele que tinha em seu poder, ciosamente guardados, os restos de uma Sociedade abandonada e esquecida há vários anos, porque os seus sócios mais ilustres, descrentes no futuro da Medicina Interna, tinham partido à procura de outras especialidades nascidas da fragmentação do “tronco-comum”. Não fosse o Senhor Anselmo, e o passado da Sociedade talvez se tivesse perdido para sempre. Foi em grande parte devido a ele que se tornou possível juntar os cacos, reconstruir o património, recuperar memórias e partir para a refundação.

Nos 18 anos que se seguiram, de 1983 a 2001, tive o privilégio, primeiro como membro da Direcção e depois à frente da revista “Medicina Interna”, de contar com a sua preciosa colaboração. Foram anos decisivos para a SPMI, durante os quais se reviram os estatutos, se criaram os núcleos de estudo, se estabeleceram relações internacionais, se adquiriu a primeira sede e se iniciou a publicação da revista. Sempre disponível com a sua presença discreta e bem-humorada, o Senhor Anselmo foi uma peça fundamental na concretização destes objectivos ambiciosos.

Honradez, lealdade, dedicação ao trabalho, eram algumas das suas maiores qualidades. Por isso, dele se ouvia dizer com frequência: “Gente desta já não existe”. Por isso, e por tudo o mais que ficou dito, a SPMI decidiu prestar-lhe uma pública e justa homenagem nas comemorações do 50º aniversário da sua fundação. Também por isso, deixo aqui este modesto e merecido depoimento. “Para que conste”. ■